

São Paulo, 05 de julho de 2012

A culpa é dos *natural hazards* ou da gestão?

Por Alexandre Yokote

O desastre nuclear em Fukushima a pouco mais de 1 ano é culpa do terremoto e tsunami ou foi culpa do homem?

Aos gestores de risco, fica claro que a tecnologia atual para sistemas de energia nuclear são inerentemente perigosos pela radiação gerada. São considerados portanto sistemas críticos com capacidade elevada de danos que podem perdurar por anos e portanto são geridos quanto aos riscos. Neste contexto, o homem é peça fundamental, iniciando pelo conhecimento do risco.

Hoje foi comunicado em mídia o resultado de uma investigação sobre as causas do desastre nuclear, segundo o relatório, o desastre foi "provocado pelo homem". O relatório reconhece que a crise foi desatada pelo terremoto seguido do tsunami, porém afirma que "o acidente em Fukushima não pode ser contemplado como um desastre natural. Foi um desastre produzido pelo homem que poderia ter sido previsto e prevenido".

Os especialistas por trás do relatório alegam que houve falhas sucessivas e negligência na gestão do risco, por parte da operadora TEPCO, Governo e Reguladores. Críticos no relatório, os especialistas se posicionam que jogar a culpa em um tsunami de dimensões não previstas é um forma da TEPCO buscar uma desculpa para evitar responsabilidades, pois o risco era conhecido.

A TEPCO foi negligente ao deixar aspectos de segurança de fora e eventualmente por não dar a real significância ao risco. Além de, junto com o Governo, não estar preparada para conter a abrangência dos danos, mediante uma resposta rápida e adequada à emergência.

Os reguladores são acusados de serem relutantes em adotar padrões de segurança globais que poderiam ter ajudado a prevenir o desastre. O Governo é acusado de falhar com a supervisão do risco e com a gestão de crises após o incidente. As falhas das partes envolvidas, fez com que a desastre natural fosse somado um desastre nuclear. Se houvesse uma efetiva gestão de riscos (preventiva e contingencial), não teria ocorrido o desastre nuclear.

O relatório não descarta a hipótese do reator 1 ter sido danificado pelo terremoto e não pelo tsunami como está sendo alegado pela TEPCO. O fato de existir essa hipótese é mais um ataque à energia nuclear no mundo, visto que põe em dúvida a real segurança das usinas frente a abalos sísmicos como se posiciona a operadora e o Governo.

Se pegarmos a lista dos 40 maiores desastre desde 1970 no relatório SIGMA da Swiss-Re, em termos de valor segurado patrimonial e lucros cessantes, com exceção do 11 de setembro (4° na lista) , todos são eventos ligados a desastres naturais (o 40° também é exceção com a plataforma Piper Alpha), primeiro o Katrina (perto de 75 bi de dólares) e depois o terremoto do Japão (35 bi de dólares), claramente pelas características econômicas das duas regiões atingidas. Quando olhamos para vítimas, as 2 primeiras são desastre naturais, a maioria associado a terremotos, mas no topo estão eventos com países de alta densidade demográfica e baixa infraestrutura ou gestão de riscos às catástrofes naturais, em destaque o terremoto no Haiti em 2010 e o tsunami de 2004 na Indonésia (juntos representam 450 mil fatalidades), o Japão aparece em 19° (com 35 mil). O 21° da lista foi um rompimento de barragem na Índia, com falha de projeto, não suportando em evento natural. Acontece que no Japão os danos vão continuar aumentando.

Com estes dados estatísticos, reforça-se a importância de uma gestão de riscos, olhando os eventos naturais e mudanças climáticas como causas para manifestação do risco e priorizando pessoas e meio ambiente antes do patrimônio. Os sistemas críticos devem ser protegidos de ameaças naturais desde sua concepção, mas ao mesmo tempo deve-se estar preparado para gerenciar um incidente e o desenrolar de uma crise.